

# **A TRANSIÇÃO DOS TRABALHADORES NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL UM ESTUDO APLICADO À INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DE MINAS GERAIS E RIO DE JANEIRO NOS ANOS 90\***

*Ricardo da Silva Freguglia\*\**

*Marco Antônio S. de Almeida\*\*\**

*Débora Marinho Santos\*\*\**

**RESUMO** Este estudo analisa a transição dos trabalhadores desligados da indústria de transformação para as situações de reemprego imediato, reemprego com defasagem de um ano e saída do mercado de trabalho formal com o objetivo de identificar e caracterizar a mobilidade de emprego nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Utilizando dados longitudinais provenientes da Raismigra durante os anos de 1989 a 1998, os principais resultados obtidos evidenciam uma baixa qualidade do trabalhador que possui maior probabilidade de readmissão, havendo, porém, uma melhora no nível de escolaridade ao longo dos anos. Paralelamente, a qualidade do emprego mostra sinais de deterioração, tendo em vista a maior probabilidade de readmissão dos trabalhadores com pouco tempo de emprego e baixa remuneração no vínculo empregatício de origem e a crescente migração para os setores de comércio e serviços. Determinados grupos de trabalhadores, contudo, destoam deste

---

\* Artigo recebido em 8 de julho de 2003 e aprovado em 4 de agosto de 2004. Os autores agradecem ao Ministério do Trabalho e Emprego – MTE pelo fornecimento dos dados utilizados e aos valiosos comentários dos pareceristas da *Revista de Economia Contemporânea*.

\*\* Professor do Departamento de Economia e Finanças da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora – FEA/UFJF e doutorando do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo – IPE/USP, e-mail: ricardo.freguglia@uff.edu.br

\*\*\* Bolsistas de iniciação científica do Núcleo de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora – NUPE/FEA/UFJF, e-mails: marcoasa@click21.com.br e dms@mrs.com.br

perfil médio conforme a unidade da Federação, os anos de análise na década, a faixa etária, o grau de instrução, a renda média, o tempo de emprego e a causa do desligamento.

**Palavras-chave:** transição; mercado de trabalho; indústria de transformação

**Códigos JEL:** J62; J44

**WORKER FLOWS IN THE FORMAL LABORMARKET:  
AN ANALYSIS OF MINAS GERAIS AND RIO DE JANEIRO INDUSTRY  
IN THE 1990s**

**ABSTRACT** This paper analyses the courses of displaced workers from industry towards situations of immediate reemployment, reemployment with a one year gap or exit of the formal labor market. The aim is to identify the capacity of a worker to get a job in the states of Minas Gerais and Rio de Janeiro, using longitudinal data from the Brazilian Ministry of Labor — the Raismigra — from 1989 to 1998. The most important results evidence the low quality of the workers, who have the major reemployment probability, even though there is an improvement in the education level. Furthermore, the quality of labor shows deterioration signs of, due to two facts: the higher level of reemployment probability of the workers with low tenure and wage on the initial job, and the increase in the job mobility to the service sector. Some groups of workers, however, have different features according to the State, the years of analysis in the decade, age, education, average income, job tenure and the displacement motivation.

**Key words:** job mobility; labor market; industry

## INTRODUÇÃO

O processo de ajuste econômico ocorrido na economia brasileira na década de 1990 gerou importantes transformações no mercado de trabalho. O elevado grau de flexibilidade, uma de suas principais características, tem contribuído para o crescimento da rotatividade dos trabalhadores de uma maneira heterogênea. A estrutura ocupacional, de um modo geral, foi alterada, com um claro aumento da participação do setor serviços e dos segmentos informais na ocupação total. O próprio dinamismo do mercado de trabalho, associado à iniciativa dos trabalhadores, ampliou a mobilidade da força de trabalho. Tendo em vista o ajustamento do mercado de trabalho em face das mudanças estruturais da economia, a mão-de-obra tende a migrar de um emprego para outro.

Segundo Pero (1996), os trabalhadores da indústria de transformação brasileira que migraram para o setor serviços no início da década de 1990 tiveram perdas de renda média maiores que aqueles que permaneceram no setor de origem. Isso é uma clara evidência de piora na qualidade do emprego desses trabalhadores. Setores como a indústria de transformação, setor financeiro e empresas estatais estão diminuindo a sua participação na ocupação total.

Para o setor industrial como um todo, pode-se identificar um comportamento distinto da evolução do emprego, produção e produtividade do trabalho nas três últimas décadas. Enquanto nos anos 70 as taxas de produção, emprego e produtividade moviam-se juntas, nos anos 80 a produtividade industrial ficou praticamente estagnada. No entanto, a elevada correlação positiva existente entre as variações da produção e do emprego na década de 1970 ainda permanece na década seguinte. O crescimento da produtividade nos anos 90 distingue-se das décadas anteriores em razão da relação inversa entre taxa de crescimento da produção e do emprego (Feijó e Carvalho, 2000).

A persistência da tendência de aumento da produção mostrou que o ajuste defensivo das empresas à recessão foi profundo e, em alguns setores, implicou modernização gerencial e tecnológica. A liberalização comercial no início da década e a estabilidade de preços a partir de 1994 propiciaram mudanças na estrutura produtiva do país, com significativos ganhos de produtividade.

Nesse quadro de modernização produtiva e conseqüente redução de postos de trabalho no setor industrial, verifica-se o aumento da participação das ocupações em serviços informais e de tempo parcial em relação à ocupação total, como afirma Pero (1995). Outros autores, como Caruso (1996), apresentam dados que comprovam esse aumento da participação do setor terciário. Freguglia, Teles e Rodrigues (2002) confirmam o aumento da informalidade, com o aumento do percentual de empregados sem carteira de trabalho assinada e a precarização do emprego no mercado de trabalho na última década.

Associado a essas transformações, o crescimento da taxa de desemprego na década de 1990 sugere um aumento das ocupações consideradas instáveis ou precárias. Isso pode estar relacionado, em parte, às novas formas de produção com especialização e emprego flexíveis, pois os vínculos empregatícios tendem a ser fragilizados sob tais circunstâncias.

No que se refere às relações entre formação profissional e emprego, estas se tornam especialmente relevantes na atual conjuntura. Isso porque a reestruturação produtiva vem gerando modificações no exercício do trabalho ligado ao mercado formal e introduzindo um componente estrutural no comportamento do desemprego. Em linhas gerais, os trabalhadores mais qualificados e educados deveriam ser aqueles que permanecem empregados. Os trabalhadores com menor grau de instrução, por sua vez, deveriam compor a maior parcela dos demitidos. Além disso, quanto maior a duração do desemprego, menor deveria ser a chance de esse trabalhador reingressar no mercado de trabalho. Neste sentido, torna-se importante identificar o perfil dos trabalhadores demitidos bem como verificar qual o destino dessa mão-de-obra e avaliar as probabilidades de reinserção no mercado de trabalho comparativamente às suas possíveis perdas de qualificação.

O trabalhador que perde o seu posto de trabalho na indústria provavelmente terá sua trajetória profissional futura afetada. De acordo com Pero (1997), existe uma dificuldade de volta do trabalhador ao seu emprego, uma vez sendo demitido do mercado formal. Neste sentido, investimentos em capital humano realizados tanto por trabalhadores como por empregadores podem estar sendo desperdiçados nesse processo de deslocamento da mão-de-obra. Além disso, quando o trabalhador adquire uma nova ocupação e não reaproveita suas habilidades adquiridas no decorrer dos anos em

sua profissão, pode estar ocorrendo perda de capital humano específico nessa transição, reduzindo os incentivos a futuros investimentos nos trabalhadores.

Em suma, as migrações desses indivíduos podem ser bem-sucedidas quando não ocorre a perda definitiva de seu emprego no setor formal, isto é, quando eles são recontratados (Freguglia, 2001, 2002). Mas apenas essa readmissão não é suficiente para que os trabalhadores tenham sucesso em suas trajetórias profissionais. É necessário considerar também em que medida suas qualificações estão sendo preservadas nesse processo, bem como identificar a qualidade do novo emprego.

O cenário recente verificado para toda a economia brasileira tem apresentado mudanças no que se refere a sua estrutura produtiva, com reflexos sobre a conduta das empresas e, conseqüentemente, sobre o mercado de trabalho. A indústria foi um dos setores que mais sentiu esses efeitos, tendo de implementar ajustes em busca de maior produtividade e competitividade diante de um mercado mais exigente. Como mostram os dados da RAIS, o número de empregados na indústria de transformação brasileira reduziu-se em 10,6% entre os anos de 1990 e 2000. A taxa de participação dos trabalhadores da indústria de transformação no total de trabalhadores empregados formalmente passou de 23,5% em 1990 para 18,6% em 2000.

As indústrias dos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro também apresentaram mudanças ao longo da década, porém com comportamentos distintos no que se refere ao mercado de trabalho. Em 1990, existiam 446.502 trabalhadores empregados na indústria de transformação mineira, número que aumentou 10% em relação ao ano de 2000, contrariando a redução verificada para o país. Apesar da diminuição da taxa de participação no total de empregos gerados na indústria de transformação mineira, o percentual reduziu-se em menos de um ponto percentual, passando de 18,3% em 1990 para 17,5% em 2000. No Rio de Janeiro, em contrapartida, ocorreu uma redução do número de empregos da ordem de 42%, com um decréscimo da taxa de participação de 20,3% para 11,1%.

Tendo em vista a elevada flexibilidade do mercado de trabalho brasileiro, importantes conseqüências para os trabalhadores devem ser consideradas. Por um lado, pode existir uma maior eficiência alocativa, mas, por outro lado, pode aumentar a instabilidade para o trabalhador no emprego

(Ribeiro, 2002). A definição da adequada estratégia individual e a correta consideração dos ofertantes de trabalho passa a ser um importante objeto de interesse na definição de suas mobilidades profissionais.

Numa década de crescente desemprego, estudos voltados para as análises de perdas de capital humano relacionadas às migrações mal-sucedidas ganham relevância. Determinados grupos de trabalho e setores de ocupação podem ser mais penalizados que outros. Nesses casos, quanto mais especializados forem os trabalhadores que deixam o setor industrial, mais difícil será a sua readequação no mercado de trabalho de modo a preservar suas habilidades e seus conhecimentos específicos adquiridos em um momento anterior. Cabe, portanto, avaliar em que medida esses trabalhadores que são demitidos das indústrias mineira e fluminense conseguem um novo emprego e, caso consigam, até que ponto essa transição está sendo bem-sucedida no mercado de trabalho.

## **1. METODOLOGIA**

### **1.1 A base de dados utilizada**

Com o objetivo de analisar a mobilidade dos trabalhadores demitidos da indústria de transformação nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, este estudo utiliza a base de dados da Raismigra, do Ministério do Trabalho e Emprego. Os painéis de abrangência encontram-se disponíveis para os anos de 1989 a 2000 e seu universo de análise é composto pelos trabalhadores formais desligados da indústria no respectivo ano, uma vez que sua sistematização ocorre a partir de duas bases de origem, a RAIS – Relação Anual de Informações Sociais e o CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.

Como desvantagens da base, ressaltam-se a restrição das análises ao universo do mercado de trabalho formal e os problemas relativos aos registros administrativos da RAIS. Como vantagem, pode-se destacar o grande volume de dados referentes ao mercado de trabalho ainda pouco explorados e com elevado nível de desagregação, permitindo o acompanhamento da trajetória do indivíduo desligado das indústrias mineira e fluminense entre 1989 e 1998 em seu percurso pelo mercado formal de trabalho até 2000. Trata-se, portanto, de painéis anuais que permitem acompanhar os indivi-

**Tabela 1: Categorização das variáveis**

Faixa etária	Grau de instrução	Remuneração média (em salários mínimos)	Setor de atividade	Tempo de emprego	Causa do desligamento
15 a 17 anos	até 4ª série	até 1	extrativa mineral	até 11,9 meses	dem. c/ justa causa.
18 a 24 anos	8ª série	1 a 2	ind. transformação	1 a 2,9 anos	dem. s/ justa causa
25 a 30 anos	2º grau	2 a 5	serviços ind. util. pública	3 a 9,9 anos	término do contrato
30 a 39 anos	superior	5 a 10	construção civil	10 ou mais	transferências
40 a 49 anos	ignorado	mais de 10	comércio	ignorado	aposentadoria
50 ou mais		ignorado	serviços		outras causas
Ignorado			adm. pública agropec., ext. veg., caça e pesca outros/ignorado		ignorado

Fonte: Manual da RAIS – MTE (1996).

duos em diferentes anos ao longo do tempo, conforme as variáveis disponíveis na RAIS, que neste trabalho serão evidenciadas de forma a identificar a qualidade dos trabalhadores e do emprego por eles ocupados. Além disso, pode-se identificar a reinserção desses trabalhadores no mercado formal após o desligamento, avaliando as condições do novo emprego.

### 1.2 A escolha das variáveis

As variáveis utilizadas neste estudo foram definidas com dois propósitos básicos. Em primeiro lugar, busca-se identificar a qualificação dos trabalhadores demitidos da indústria mineira e fluminense utilizando as variáveis faixa etária e grau de instrução. Em segundo lugar, busca-se avaliar a qualidade do emprego ocupado pelo trabalhador. Neste caso, utilizam-se as variáveis remuneração média, tempo de emprego, setor de destino e causa do desligamento. A tabela 1 apresenta a categorização das variáveis utilizadas no estudo.

### 1.3 Os indicadores utilizados

Um dos principais objetivos deste trabalho é organizar a evidência sobre mobilidade profissional de forma a contribuir para a caracterização da mão-de-obra das indústrias de transformação mineira e fluminense, que constituem o universo de análise. Para isso, serão calculadas as probabilidades de readmissão de todos os trabalhadores desligados do mercado formal de trabalho.

De um modo geral, podem-se definir as proporções de distintos grupos de trabalhadores desligados da indústria de transformação conforme sua situação de saída ou retorno em relação ao mercado formal de trabalho. Desse modo, em diferentes anos ao longo do período de 1989 a 1998, podem-se obter as seguintes estimativas de análise:

$$X_{1t} = \text{probabilidade de readmissão em } (t + 1) = \frac{\text{desligados em } t \text{ e readmitidos em } (t + 1)}{\text{desligados em } t}$$

$$X_{2t} = \text{probabilidade real em } (t + 2) = \frac{\text{desligados em } t \text{ e readmitidos em } (t + 2)}{\text{desligados em } t}$$

$$Y_t = (1 - X_{it}) = \text{probabilidade de migrar para fora do mercado formal} =$$

$$= \frac{\text{desligados em } t \text{ que não registraram um emprego formal em } (t + 1) \text{ ou } (t + 2)}{\text{desligados em } t}$$

Resumindo, tem-se:  $X_{it} = X_{1t} + X_{2t} = r_{it} / n_{it}$ , onde:  $r$  = readmitidos  
 $n$  = total de indivíduos desligados  
 $i = 1, 2$   
 $t = (1989, \dots, 1998)$ .

Cabe salientar que a escolha de dois anos para o acompanhamento da readmissão dos trabalhadores após o seu desligamento pautou-se no grande percentual das recontrações ocorridas nesse período. Como pode ser observado pela tabela 2, a maioria dos trabalhadores com vínculo empregatício nos anos posteriores ao ano base de desligamento concentra-se de fato nos dois primeiros anos após o desligamento. Por exemplo, no ano base de 1989, 59.169 trabalhadores foram readmitidos em 1990 e 14.182 em 1991, representando aproximadamente 75% do total de readmitidos até o ano de 2000 (tabela 2).

Para avaliar o perfil do trabalhador da indústria que apresenta maiores chances de retornar ou não ao mercado formal de trabalho, tais proporções foram estimadas por grau de instrução, faixa etária, remuneração média, tempo de emprego, causa do desligamento e setor de destino. Todas as variáveis contêm informações referentes ao ano de desligamento, exceto o setor de atividade do trabalhador quando readmitido. Em seguida, as probabilidades de readmissão serão analisadas buscando-se caracterizar a qualidade do trabalhador e do emprego de origem por ele ocupado.

**Tabela 2: Trabalhadores desligados da indústria de transformação mineira com vínculo empregatício nos anos posteriores**

Vínculo até	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Ano base											
1989	59.169	14.182	6.254	4.866	4.023	2.968	1.923	1.731	1.279	1.003	930
1990		74.127	16.525	10.748	7.615	5.225	3.148	2.613	1.877	1.389	1.275
1991			62.111	22.480	13.026	7.797	4.160	3.396	2.334	1.669	1.461
1992				54.525	17.649	8.816	4.191	3.087	2.005	1.485	1.233
1993					54.234	14.969	6.298	4.288	2.704	1.848	1.469
1994						60.751	14.409	8.028	4.556	2.940	2.375
1995							77.262	23.986	11.303	6.513	4.896
1996								70.262	18.807	8.976	6.115
1997									69.063	19.559	10.879
1998										74.661	23.496
1999											64.915

Fonte: Raismiga/MTE.

## 2. O PROCESSO DE READMISSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A análise da mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria durante a década de 1990 tem como objetivo caracterizar o processo de readmissão do trabalhador no mercado de trabalho formal. Basicamente, a recontração pode ser analisada segundo dois fatores distintos: a qualidade do trabalhador e a qualidade do emprego.

De um modo geral, a evolução das trajetórias dos trabalhadores entre os anos de 1989 e 1998 pode ser observada na tabela 3. No Estado de Minas Gerais, as probabilidades de readmissão no ano subsequente ao desligamento foram superiores à proporção de trabalhadores que deixaram o setor formal em quase todo o período, exceto em 1991. Ao longo do tempo, a probabilidade de não-readmissão reduziu-se em 5,2%, registrando 43% em 1989 e reduzindo-se para 41% em 1998. No entanto, as probabilidades de saída quase sempre superaram 2/5 do total, podendo ocasionar importantes conseqüências sobre o capital humano desses trabalhadores.

Na evolução das readmissões, é importante destacar a distinção existente entre as probabilidades conforme o tempo que o trabalhador leva para obter novamente um emprego formal. Em primeiro lugar, constatou-se um pequeno decréscimo da probabilidade de readmissão no setor formal no ano seguinte ao desligamento ( $X_{1t}$ ), passando de 46% em 1989 para 45% em 1998. É importante ressaltar que esse comportamento não foi linear, como

pode ser observado pela probabilidade dos anos de 1991, 1993 e 1994, por exemplo. Em contrapartida, a probabilidade de readmissão no segundo ano posterior ao desligamento ( $X_{2t}$ ), apesar de também não ser linear, cresceu com o decorrer do tempo. Em 1989, essa proporção foi de 10,24%, chegando a 14,18% em 1998.

Embora tenha ocorrido um ligeiro aumento da readmissão de um modo geral ( $X_{1t} + X_{2t}$ ), os trabalhadores que migraram para fora do formal representavam, em média, 40% do total de desligados durante a década de 1990. Este percentual pode ser considerado bastante elevado, uma vez que esses trabalhadores podem estar contribuindo para o aumento da participação no desemprego e/ou em atividades de trabalho informais, provocando perdas de capital humano específico desses indivíduos.

Os primeiros resultados passíveis de análise são, portanto, a mudança no padrão de readmissões no mercado de trabalho formal do Estado de Minas Gerais. A participação dos recontratados no segundo ano subsequente ao desligamento aumentou, em detrimento da probabilidade de readmissão no ano imediatamente posterior, que decresceu em 1%. Na comparação entre as probabilidades de readmissão e saída do mercado formal de trabalho, esta situação se torna ainda mais preocupante, pois, do total de trabalhadores desligados da indústria de transformação do estado, cerca de 40% em média estão propensos à perda de suas habilidades e conhecimentos específicos adquiridos em sua carreira profissional.

Em linhas gerais, o trabalhador da indústria de transformação mineira teve maior probabilidade de encontrar um novo emprego no setor formal no ano seguinte ao desligamento ou de ser excluído do mercado de trabalho na década de 1990. Apesar de ter havido uma pequena redução desta saída, constatou-se um crescimento da probabilidade de readmitidos que estão propensos à perda parcial de suas qualificações por ficarem mais tempo na situação de desemprego. Essas relações podem ser sintetizadas da seguinte forma:

$$X_{1t} > (1 - X_{it}) \quad \forall t \neq 1991$$

$$X_{2t} < (1 - X_{it}) \quad \forall t, \quad \text{onde: } t = (1989, [\dots], 1998).$$

A exclusão do mercado formal pode indicar várias situações do indivíduo no mercado de trabalho, como o desemprego, a inatividade, a migração

para uma atividade no setor informal, aposentadoria, morte ou qualquer outra causa de afastamento permanente, isto é, superior a dois anos. Como o número de desligamentos por falecimento foi pouco significativo em relação ao total — inferior a 0,5% em média —, pode-se considerar que, diante do quadro de aumento do nível de desemprego e do crescente aumento das atividades no mercado informal durante a década de 1990, elevou-se também a probabilidade de perda de capital humano específico adquirido por esses indivíduos.

Definindo a empregabilidade como a probabilidade de retorno a um emprego no mercado formal, a indústria de transformação mineira não proporcionou uma chance elevada de retorno para seus trabalhadores. Caso permaneçam um longo período no desemprego, fatores não observáveis como a perda de habilidades e da auto-estima desses indivíduos podem torná-los não empregáveis. Esses trabalhadores poderiam estar, portanto, propensos a ser regularmente substituídos por outros no mercado de trabalho formal.

Além das práticas de gestão de produção poupadoras de mão-de-obra, os empregadores podem estar utilizando mecanismos informais de contratação de trabalhadores, por meio do assalariamento sem carteira assinada ou de forma indireta, via atividades terceirizadas (tabela 3).

No Rio de Janeiro, o comportamento geral da readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação foi bastante distinto daquele verificado em Minas Gerais. As probabilidades de readmissão no ano

**Tabela 3: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria**

Ano do desligamento	Minas Gerais			Rio de Janeiro		
	$X_{1t}$	$X_{2t}$	$Y_t$	$X_{1t}$	$X_{2t}$	$Y_t$
1989	46,0	11,0	43,0	44,3	11,3	44,5
1990	45,9	10,2	43,8	44,6	10,4	45,0
1991	40,1	14,5	45,4	39,2	12,5	48,3
1992	45,5	14,7	39,8	42,2	13,2	44,6
1993	47,8	13,2	39,0	42,6	13,9	43,4
1994	48,2	11,4	40,4	46,0	11,7	42,3
1995	44,0	13,7	42,4	40,7	11,9	47,4
1996	46,2	12,4	41,4	40,0	11,8	48,2
1997	44,7	12,7	42,7	37,7	12,1	50,2
1998	45,1	14,2	40,8	38,0	12,9	49,2

Fonte: Raismiga/MTE.

imediatamente posterior ao desligamento foram inferiores à proporção de indivíduos que se moveram, voluntária ou involuntariamente, para fora do formal, exceto no ano de 1994. Ao longo do tempo, a situação de saída dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense tornou-se mais preocupante, uma vez que a probabilidade de não ser readmitido passou de 44,5% em 1989 para 49,2% em 1998. Trata-se de um processo preocupante de mobilidade, com quase a metade dos trabalhadores deixando o emprego formal.

Contudo, a reinserção no mercado de trabalho apresenta chances distintas, condicionada pelo tempo entre o desligamento e a readmissão. Enquanto os trabalhadores readmitidos após o desligamento tiveram sua probabilidade reduzida de 44,3% para 38%, aqueles reinseridos no mercado formal no segundo ano subsequente ampliaram sua chance de 11,3 % para 12,9% entre 1989 e 1998, respectivamente.

Sintetizando, tem-se:

$$X_{1t} > (1 - X_{it}) \quad \forall t \neq 1994$$

$$X_{2t} < (1 - X_{it}) \quad \forall t, \quad \text{onde: } t = (1989, [\dots], 1998).$$

De modo geral, constata-se uma piora nas condições do mercado de trabalho formal fluminense em razão de dois fatores principais. O primeiro é o aumento da probabilidade de egressos, podendo indicar um aumento do desemprego ou migração para atividades informais. O segundo refere-se ao aumento da probabilidade de readmissão para aqueles que permanecem mais tempo fora de um emprego formal, contribuindo para a perda de qualificação do trabalhador.

### **2.1 O perfil dos trabalhadores readmitidos**

A elevada proporção de trabalhadores que sai do mercado formal pode não representar uma situação homogênea entre todos os grupos de indivíduos. Uma vez desligados de uma atividade na indústria de transformação mineira e fluminense, determinados grupos de trabalhadores com distintas características podem ter maiores probabilidades de readmissão que outros, preservando ou até mesmo ampliando de alguma maneira sua qualificação ou ao menos sua remuneração.

### 2.1.1 A escolaridade dos readmitidos

O grau de instrução é uma das variáveis que permite a análise da qualidade do trabalhador. Em Minas Gerais, como mostra a tabela 4, a readmissão foi mais intensa entre os trabalhadores com instrução mediana: 8ª série e segundo grau, completos ou não. Contudo, existe um perfil educacional distinto dos readmitidos quando se compara o ano imediatamente posterior ao desligamento ( $X_{1t}$ ) com o segundo ano após o desligamento ( $X_{2t}$ ). A maior probabilidade de readmissão no ano posterior ao desligamento ocorreu entre os trabalhadores com o segundo grau completo ou incompleto, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. Essa escolaridade foi superior àquela verificada entre os readmitidos no segundo ano após o desligamento, reforçando o argumento de que um maior grau de instrução proporciona uma maior propensão de reingresso mais rápido ao mercado formal.

É interessante notar ainda que a análise longitudinal dos dados evidencia uma inversão na probabilidade de readmissão no ano imediatamente subsequente ao desligamento. A escolaridade dos trabalhadores readmitidos aumentou ao longo da década, passando do primeiro para o segundo grau. Essa mudança nos padrões de comportamento da readmissão no ano após o desligamento pode ser um reflexo das transformações ocorridas na indústria, que intensificou sua busca por maior produtividade para se adequar à maior concorrência. Como os trabalhadores mais educados tendem a ter maior produtividade, as empresas podem estar buscando maior competitividade e eficiência no mercado. Assim, uma vez desligado do mercado de trabalho formal, a exigência de maior escolaridade tornou-se uma característica evidente, onde o trabalhador mais educado passou a ter maiores probabilidades de reingresso (tabela 4).

A saída do formal foi mais intensa entre aqueles que possuíam o nível superior e aqueles com escolaridade igual ou inferior à 4ª série. Os que possuíam o nível superior podem ter migrado para o setor informal ou permanecido mais tempo na situação de desemprego graças a um elevado salário de reserva. Um aumento na probabilidade de obter emprego em sua indústria antiga indica que os trabalhadores desligados podem ter reduzido a intensidade de procura ou aumentado o salário de reserva com relação às outras empresas. Isso traria conseqüências não apenas para a duração do desemprego, mas também para a probabilidade de mobilidade interorgani-

**Tabela 4: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por grau de instrução**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 4ª série	46,6	46,0	40,3	45,1	47,1	48,2	43,7	45,8	44,5	44,5
8ª série	46,2	46,6	40,1	46,3	48,9	46,9	44,6	46,3	44,6	45,2
Segundo grau	43,8	45,2	40,4	45,9	48,2	48,6	43,8	47,3	46,0	46,6
Superior	39,9	36,5	35,9	40,4	39,5	41,6	37,2	44,4	39,3	38,4
Ignorado	42,9	45,9	38,7	36,4	40,9	52,9	42,8	44,3	28,3	26,3
Total	46,0	45,9	40,1	45,5	47,8	48,2	44,0	46,2	44,7	45,1
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 4ª série	10,5	9,8	13,7	15,0	13,1	11,2	13,3	12,1	11,9	13,1
8ª série	11,7	10,6	15,3	14,9	13,8	12,2	13,9	12,9	13,1	14,9
Segundo grau	11,0	10,8	14,9	14,2	12,1	11,1	14,0	11,9	13,0	14,0
Superior	9,5	10,4	12,0	10,7	10,5	8,8	11,6	9,7	10,9	11,8
Ignorado	12,2	9,7	12,6	13,2	12,0	8,2	15,3	13,8	11,7	20,0
Total	11,0	10,2	14,5	14,7	13,2	11,4	13,7	12,4	12,7	14,2
<b>Fora do formal</b>										
Até 4ª série	42,9	44,3	46,0	40,0	39,8	40,6	43,0	42,1	43,6	42,4
8ª série	42,1	42,8	44,6	38,8	37,4	40,9	41,5	40,8	42,3	39,9
Segundo grau	45,1	44,0	44,7	39,9	39,7	40,4	42,2	40,7	41,0	39,3
Superior	50,5	53,1	52,1	49,0	50,0	49,5	51,2	46,0	49,7	49,8
Ignorado	44,8	44,5	48,7	50,4	47,1	38,9	41,9	41,9	60,0	53,8
Total	43,0	43,8	45,4	39,8	39,0	40,4	42,4	41,4	42,7	40,8

Fonte: Raismiga/MTE.

zacional. Porém, é necessário salientar que esse elevado salário de reserva provavelmente está se verificando apenas entre os mais escolarizados. De qualquer forma, quanto maior o tempo fora do mercado, maiores as perdas de capital humano específico desses trabalhadores.

Além disso, diante das transformações ocorridas na estrutura de produção industrial nos anos 90, o lado da demanda pode estar buscando uma diminuição de custos capaz de ampliar sua competitividade, reduzindo os postos de trabalho com melhor remuneração. De fato, este argumento é validado pela elevada correlação positiva entre os trabalhadores com nível superior e os mais bem remunerados na indústria de transformação mineira.

A outra grande proporção de saída de trabalhadores refere-se aos escolarizados até a 4ª série, indicando uma redução do mercado formal de trabalho para este grupo. Como a indústria caracterizou-se na década de 1990 pela busca de eficiência e produtividade, a baixa escolaridade — inferior à 4ª série — está sendo um fator decisivo para a perda permanente do emprego.

No Rio de Janeiro, apesar de os trabalhadores com maior probabilidade de readmissão no mercado de trabalho formal possuírem uma escolaridade mediana — 8ª série e segundo grau, completos ou não —, há indícios de variações desse comportamento predominante quando se analisam os anos extremos do período observado (tabela 5). Enquanto em 1989 a maior chance de readmissão ocorria entre os menos escolarizados (até a 8ª série), em 1998 a faixa de escolaridade mais propensa a ser readmitida era a dos mais escolarizados (segundo grau ou superior). Nota-se um aumento gradativo da probabilidade de readmissão de acordo com o aumento da faixa de escolaridade ao longo do período, tendo em vista a redução dessa probabilidade justamente para os trabalhadores com menor escolaridade — até a 8ª série. Em outras palavras, a saída do formal ficou mais intensa para aqueles com menor grau de instrução, característica mais marcante no Rio de Janeiro, onde o trabalhador mais educado passou a ter maior probabilidade de reinserção no mercado formal do que em Minas Gerais.

**Tabela 5: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por grau de instrução**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 4ª série	45,3	45,2	39,5	43,3	43,2	44,2	39,4	37,7	37,7	34,5
8ª série	44,0	44,7	38,5	41,4	42,4	45,8	41,7	39,3	37,1	36,1
Segundo grau	43,5	44,0	40,1	42,6	43,8	49,8	42,0	44,5	40,0	42,7
Superior	39,4	40,4	38,9	39,8	37,7	45,4	37,3	42,8	34,8	48,1
Ignorado	40,9	40,5	37,9	39,4	32,7	50,0	38,6	36,7	32,0	34,9
Total	44,3	44,6	39,2	42,2	42,6	46,0	40,7	40,0	37,7	38,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 4ª série	10,8	10,1	11,5	11,9	13,7	11,6	11,0	11,4	11,2	12,3
8ª série	11,8	10,7	13,5	14,6	14,6	12,4	12,4	12,6	12,6	13,7
Segundo grau	11,7	10,9	13,1	13,7	13,5	11,1	12,5	11,4	12,8	12,9
Superior	9,0	9,7	10,6	11,2	11,4	9,2	10,8	9,5	10,1	9,5
Ignorado	11,8	9,2	13,2	10,9	14,6	9,2	10,7	14,5	10,0	15,1
Total	11,3	10,4	12,5	13,2	13,9	11,7	11,9	11,8	12,1	12,9
<b>Fora do formal</b>										
Até 4ª série	43,9	44,7	49,0	44,8	43,1	44,2	49,6	51,0	51,0	53,3
8ª série	44,2	44,6	48,1	44,1	42,9	41,8	45,9	48,1	50,4	50,2
Segundo grau	44,8	45,1	46,8	43,7	42,8	39,1	45,5	44,0	47,1	44,4
Superior	51,6	49,9	50,5	49,0	51,0	45,4	51,9	47,7	55,1	42,4
Ignorado	47,2	50,3	48,9	49,6	52,7	40,8	50,7	48,84	58,0	50,0
Total	44,5	45,0	48,3	44,6	43,4	42,3	47,4	48,2	50,2	49,2

Fonte: Raismig/MTE.

Assim como em Minas Gerais, o comportamento da probabilidade de readmissão imediata foi distinto da readmissão no segundo ano subsequente ao desligamento. No ano imediatamente posterior, a maior probabilidade de readmissão passou de até 4ª série para o segundo grau ao longo do período. Os trabalhadores com nível de escolaridade superior registraram uma probabilidade de readmissão de 48% no ano de 1998, enquanto em 1989 esta probabilidade era de 39%. No que se refere à readmissão no segundo ano subsequente, a maior chance de readmissão ocorreu entre os trabalhadores com a 8ª série e o segundo grau, sendo que o maior crescimento desta probabilidade verificou-se para os primeiros.

De um modo geral, as readmissões acompanham o processo de maior exigência de escolaridade no emprego industrial, seja no mercado de trabalho formal mineiro ou fluminense. Vale ressaltar que esse nível de exigência revelou-se mais intenso entre os trabalhadores do Rio de Janeiro.

#### *2.1.2 A faixa etária dos readmitidos*

O comportamento das readmissões dos trabalhadores originários da indústria de transformação mineira não ocorreu de uma maneira homogênea entre as faixas etárias ao longo dos anos 90. Como pode ser observado na tabela 6, os dados indicam que, a partir dos 18 anos, quanto mais velho o trabalhador, maior era a dificuldade de reinserção no mercado de trabalho. A partir dos 50 anos, esta situação era ainda mais acentuada, tendo em vista não apenas as probabilidades de saída mais elevadas em cada ano separadamente, mas também a evolução ao longo da década. Parte desses trabalhadores se aposentou, mas aqueles que ainda estavam desempenhando uma atividade no mercado de trabalho formal podem ter sido excluídos.

Vale ressaltar o grupo de 40 a 49 anos, com a segunda maior probabilidade de saída e com uma tendência de crescimento no período observado. Esses trabalhadores se situavam numa idade de difícil readequação no mercado de trabalho e eram fortemente propensos ao desalento.

Os jovens de 18 a 24 anos e adultos de 25 a 29 anos foram os que apresentaram as maiores probabilidades de retorno ao mercado de trabalho formal, como era de se esperar. Ocorreu, porém, um processo de valorização da experiência no mercado de trabalho, com maior crescimento da probabilidade de readmissão para os adultos de 25 a 29 anos. Na readmissão ocor-

rida no segundo ano após o desligamento, destacaram-se jovens com menos de 17 anos, provavelmente reingressando no mercado de trabalho após a obtenção do primeiro emprego. Como o ponto de entrada no mercado de trabalho é o mais importante para a trajetória da vida profissional de um indivíduo, este grupo mais jovem pode estar comprometendo sua carreira profissional caso essa realocação não permita o desempenho de atividades iguais ou semelhantes àquelas desenvolvidas no primeiro emprego. Além disso, quanto mais jovem, maior a probabilidade de retorno no segundo ano subsequente, caracterizando perdas relativas para este grupo, tendo em vista o tempo que permanece fora do mercado formal. A probabilidade de

**Tabela 6: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por faixa etária**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
15 a 17 anos	42,4	41,5	30,2	36,7	40,3	41,3	35,9	36,6	37,9	36,0
18 a 24 anos	49,1	48,9	41,4	47,7	51,7	51,7	47,3	50,2	48,4	48,5
25 a 29 anos	46,5	47,6	42,5	48,7	50,7	50,5	47,4	49,8	48,2	49,5
30 a 39 anos	46,3	46,3	43,2	48,4	50,8	49,8	45,6	48,4	46,5	46,7
40 a 49 anos	43,5	43,3	38,9	43,0	42,2	44,8	38,0	39,5	37,3	38,0
50 anos ou mais	30,9	29,9	26,1	26,7	25,9	27,7	25,8	28,1	26,2	26,0
Ignorado	37,0	34,8	31,3	27,1	30,2	29,4	30,7	32,1	33,9	15,8
Total	46,0	45,9	40,1	45,5	47,8	48,2	44,0	46,2	44,7	45,1
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
15 a 17 anos	15,6	11,7	19,1	21,1	19,7	16,3	19,3	18,0	17,5	21,0
18 a 24 anos	12,2	10,8	16,2	16,5	14,7	12,8	15,3	14,2	14,4	16,3
25 a 29 anos	10,6	10,4	14,6	14,7	13,0	11,9	13,4	12,5	12,8	14,4
30 a 39 anos	10,0	10,4	13,5	14,1	12,1	10,5	13,0	11,7	12,1	13,5
40 a 49 anos	8,4	8,7	11,6	12,0	11,5	9,1	11,1	9,5	9,6	11,0
50 anos ou mais	5,7	5,8	6,9	7,3	8,0	6,6	7,8	6,6	6,7	7,1
Ignorado	11,4	9,3	11,4	12,6	10,6	11,3	12,2	14,2	9,9	19,0
Total	11,0	10,2	14,5	14,7	13,2	11,4	13,7	12,4	12,7	14,2
<b>Fora do formal</b>										
15 a 17 anos	42,1	46,8	50,6	42,2	40,0	42,4	44,9	45,4	44,6	43,0
18 a 24 anos	38,7	40,3	42,4	35,8	33,6	35,5	37,4	35,6	37,2	35,2
25 a 29 anos	42,9	42,0	43,0	36,6	36,3	37,6	39,2	37,8	39,0	36,1
30 a 39 anos	43,7	43,3	43,3	37,5	37,1	39,7	41,5	40,0	41,4	39,8
40 a 49 anos	48,1	48,0	49,5	45,0	46,3	46,1	50,9	51,0	53,0	51,0
50 anos ou mais	63,4	64,3	67,0	66,0	66,0	65,7	66,3	65,3	67,1	66,9
Ignorado	51,6	55,9	57,3	60,3	59,3	59,3	57,2	53,7	56,2	65,2
Total	43,0	43,8	45,4	39,8	39,0	40,4	42,4	41,4	42,7	40,8

Fonte: Raismiga/MTE.

obtenção de empregos instáveis e com alta rotatividade foi, portanto, maior para esses jovens (tabela 6).

No que se refere ao Rio de Janeiro, as probabilidades de readmissão apresentaram um comportamento distinto entre aqueles que foram readmitidos de maneira imediata e no segundo ano após o desligamento (tabela 7). No primeiro caso, a idade do trabalhador também passou por um processo de valorização ao longo dos anos de 1989 e 1998, conferindo-lhe maiores probabilidades de readmissão com o decorrer dos anos. Enquanto em 1989 os jovens de 18 a 24 anos detinham a maior probabilidade de readmissão imediata (48%), em 1998 essa liderança na chance de ser novamente empregado no mercado formal passou para os adultos de 30 a 39 anos (43%). Dentre os

**Tabela 7: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por faixa etária**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
15 a 17 anos	33,1	31,8	22,2	29,1	30,9	28,5	25,6	21,6	20,4	19,7
18 a 24 anos	48,2	48,9	41,1	44,9	46,5	47,8	44,4	42,5	40,7	40,3
25 a 29 anos	46,6	47,7	43,3	46,8	47,6	49,8	45,4	43,8	42,4	42,1
30 a 39 anos	45,8	46,7	42,4	45,6	46,6	49,7	44,2	45,0	42,0	42,6
40 a 49 anos	41,8	41,6	37,5	39,8	38,8	45,4	36,4	36,0	33,0	34,8
50 anos ou mais	27,6	26,2	23,6	23,4	20,8	26,1	20,7	20,4	20,6	19,7
Ignorado	32,1	31,3	29,9	28,5	28,3	29,2	28,3	30,8	27,3	23,2
Total	44,3	44,6	39,2	42,2	42,6	46,0	40,7	40,0	37,7	38,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
15 a 17 anos	15,6	13,0	16,5	17,1	18,9	15,8	14,1	15,1	15,6	15,5
18 a 24 anos	13,0	11,6	15,0	16,1	16,8	14,6	14,2	14,5	14,8	15,8
25 a 29 anos	11,6	11,1	13,1	14,2	15,0	12,7	13,0	13,2	13,5	14,4
30 a 39 anos	10,4	10,4	12,1	13,2	13,7	11,4	12,2	12,0	12,5	13,2
40 a 49 anos	9,1	8,9	9,8	10,9	11,6	9,2	9,4	9,1	9,3	10,4
50 anos ou mais	5,5	4,6	5,2	5,1	7,0	5,4	5,5	5,3	5,3	5,6
Ignorado	8,8	8,9	9,0	11,4	10,5	8,3	10,1	11,0	9,2	11,6
Total	11,3	10,4	12,5	13,2	13,9	11,7	11,9	11,8	12,1	12,9
<b>Fora do formal</b>										
15 a 17 anos	51,2	55,2	61,4	53,8	50,2	55,7	60,3	63,3	64,0	64,8
18 a 24 anos	38,8	39,5	43,9	39,1	36,8	37,6	41,4	43,0	44,5	43,9
25 a 29 anos	41,8	41,2	43,6	39,0	37,3	37,5	41,6	43,0	44,1	43,5
30 a 39 anos	43,8	42,8	45,5	41,3	39,8	38,9	43,6	43,0	45,5	44,2
40 a 49 anos	49,1	49,5	52,7	49,3	49,6	45,4	54,3	54,9	57,7	54,7
50 anos ou mais	66,8	69,1	71,2	71,6	72,3	68,5	73,8	74,3	74,1	74,6
Ignorado	59,1	59,8	61,1	60,1	61,1	62,5	61,6	58,2	63,4	65,3
Total	44,5	45,0	48,3	44,6	43,4	42,3	47,4	48,2	50,2	49,2

Fonte: Raismiga/MTE.

readmitidos no segundo ano posterior ao desligamento, as maiores probabilidades ocorreram entre os adolescentes e jovens (15 a 24 anos), mas de maneira bem menos intensa que no Estado de Minas Gerais.

A saída do mercado de trabalho formal foi maior para as duas faixas extremas: os mais velhos, com mais de 50 anos, e os adolescentes (15 a 17 anos), que ampliaram a probabilidade de saída de 67% e 51% em 1989 para 75% e 65% em 1998, respectivamente. Neste sentido, a situação dos adolescentes tornou-se mais preocupante no Rio de Janeiro relativamente ao Estado de Minas Gerais. Dois outros grupos que devem ser destacados são os adultos de 40 a 49 anos, que tinham a terceira maior probabilidade de saída e encontram-se numa idade de difícil readequação no mercado, e os jovens de 18 a 24 anos com a quarta maior probabilidade, mas com a segunda maior taxa de crescimento no período (13%) (tabela 7).

## **2.2 O perfil do emprego ocupado antes da readmissão**

### *2.2.1 A renda média dos readmitidos*

O rendimento médio auferido pelo trabalhador readmitido no período em que foi desligado da força de trabalho formal é um importante indicador da qualidade do emprego anterior a sua reinserção. No que se refere ao Estado de Minas Gerais, os resultados obtidos na tabela 8 indicam que, a partir de dois salários mínimos, quanto maior a renda, maior a probabilidade de o trabalhador se deslocar para fora do formal. A camada mais pobre da população, com renda média inferior a um salário mínimo, também possuía grande dificuldade de reinserção, atingindo elevados índices de trabalhadores que deixam o mercado formal de trabalho (47% em 1998).

Entre os readmitidos, as maiores probabilidades variam conforme o tempo que os trabalhadores permanecem fora de uma atividade formal até o momento do retorno. Na readmissão imediata, verificam-se maiores probabilidades para aqueles que ganhavam entre dois e cinco salários mínimos, seguidos daqueles na faixa de remuneração imediatamente superior (cinco a dez salários mínimos). As probabilidades mudam quando se considera a readmissão no segundo ano após o desligamento. A maioria dos readmitidos neste caso recebia menos de um salário mínimo, seguidos daqueles na faixa imediatamente superior (um a dois salários mínimos).

De um modo geral, a readmissão aumentou de maneira mais intensa ao longo dos anos para aqueles trabalhadores que recebiam de cinco a dez e

**Tabela 8: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por renda média\***

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 1,00 SM	41,2	37,8	32,1	36,9	41,4	44,6	36,5	40,2	39,1	38,1
De 1,01 a 2,00 SM	47,5	45,4	37,9	44,9	48,9	45,0	42,9	44,8	44,1	43,0
De 2,01 a 5,00 SM	51,2	51,5	45,9	51,2	53,6	37,4	49,7	52,0	49,5	51,1
De 5,01 a 10,00 SM	43,6	46,8	45,1	48,1	43,6	47,6	45,9	47,6	45,3	47,4
Mais de 10,00 SM	32,3	36,8	35,8	36,6	38,2	41,6	33,1	39,0	31,2	35,7
Ignorado	32,1	39,5	30,4	46,8	36,3	43,3	39,8	32,2	37,7	25,4
Total	46,0	45,9	40,1	45,5	47,8	48,2	44,0	46,2	44,7	45,1
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 1,00 SM	11,7	10,2	14,6	16,3	15,6	12,7	15,4	13,7	13,8	15,0
De 1,01 a 2,00 SM	11,4	10,0	15,2	15,6	13,7	10,2	14,2	13,4	13,4	15,3
De 2,01 a 5,00 SM	10,4	10,4	14,7	14,4	12,4	8,1	13,3	12,3	12,5	13,7
De 5,01 a 10,00 SM	10,7	11,4	13,0	13,1	11,0	10,7	12,8	10,4	11,1	13,4
Mais de 10,00 SM	8,7	10,2	12,2	10,4	9,8	8,9	11,8	7,9	9,8	11,0
Ignorado	10,4	7,8	11,1	11,0	10,6	9,8	10,8	10,5	9,4	11,7
Total	11,0	10,2	14,5	14,7	13,2	11,4	13,7	12,4	12,7	14,2
<b>Fora do formal</b>										
Até 1,00 SM	47,1	52,0	53,3	46,8	43,1	42,7	48,1	46,1	47,2	46,9
De 1,01 a 2,00 SM	41,1	44,6	46,9	39,5	37,3	44,7	42,9	41,8	42,5	41,6
De 2,01 a 5,00 SM	38,3	38,1	39,3	34,4	34,0	54,6	37,0	35,7	38,0	35,1
De 5,01 a 10,00 SM	45,7	41,8	41,8	38,8	45,4	41,7	41,3	42,0	43,6	39,2
Mais de 10,00 SM	58,9	53,1	52,0	53,1	52,0	49,5	55,1	53,2	59,0	53,2
Ignorado	57,4	52,6	58,6	42,2	53,1	46,9	49,4	57,4	52,8	62,8
Total	43,0	43,8	45,4	39,8	39,0	40,4	42,4	41,4	42,7	40,8

Fonte: Raismiga/MTE.

\* Renda média em salário mínimo nominal obtida no momento da demissão do trabalhador.

acima de dez salários mínimos no vínculo empregatício anterior ao desligamento. Caso as empresas — não necessariamente as mesmas do emprego de origem — estejam recontratando os trabalhadores com salários inferiores àqueles que recebiam antes do desligamento como uma forma de redução dos custos de produção, pode estar havendo perdas salariais na readmissão (tabela 8).

No Rio de Janeiro, as probabilidades de não-readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de transformação com rendimentos a partir de dois salários mínimos eram maiores quanto maior a renda média obtida no antigo emprego. Entre os mais pobres, com renda inferior a um salário mínimo, a chance de saída do mercado de trabalho formal foi a maior dentre todas as demais faixas de remuneração (60%), com 13 pontos percentuais acima da probabilidade registrada para Minas Gerais. Ao mesmo tempo, a

**Tabela 9: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por renda média\***

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 1,00 SM	37,6	35,1	27,7	31,4	32,3	36,5	32,0	29,7	28,6	27,3
De 1,01 a 2,00 SM	44,9	43,3	35,6	40,1	42,9	43,5	39,2	37,0	35,9	35,1
De 2,01 a 5,00 SM	49,1	50,4	44,9	47,4	47,8	49,3	45,9	43,6	42,1	39,8
De 5,01 a 10,00 SM	44,1	46,6	44,6	44,7	43,2	48,4	43,6	41,3	39,4	37,4
Mais de 10,00 SM	35,3	36,7	35,0	36,9	33,7	48,7	33,8	42,4	31,4	36,3
Ignorado	37,2	39,9	33,5	36,0	34,7	41,6	26,3	27,9	27,7	63,7
Total	44,3	44,6	39,2	42,2	42,6	46,0	40,7	40,0	37,7	38,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 1,00 SM	12,1	10,5	13,0	14,3	16,2	14,0	12,2	12,2	11,8	13,0
De 1,01 a 2,00 SM	11,8	10,4	13,2	13,8	14,9	13,1	12,5	12,8	12,8	13,4
De 2,01 a 5,00 SM	11,2	10,9	12,9	13,4	14,0	11,8	12,2	12,7	12,8	13,9
De 5,01 a 10,00 SM	10,5	10,5	11,7	12,8	12,0	11,1	11,5	11,1	11,5	13,2
Mais de 10,00 SM	8,4	9,2	10,1	10,8	10,2	8,5	10,4	8,2	8,9	10,3
Ignorado	9,9	8,7	9,4	10,6	11,1	10,1	8,4	8,4	10,2	4,9
Total	11,3	10,4	12,5	13,2	13,9	11,7	11,9	11,8	12,1	12,9
<b>Fora do formal</b>										
Até 1,00 SM	50,3	54,3	59,3	54,3	51,6	49,5	55,7	58,1	59,6	59,7
De 1,01 a 2,00 SM	43,3	46,3	51,2	46,1	42,2	43,4	48,3	50,2	51,3	51,5
De 2,01 a 5,00 SM	39,7	38,7	42,2	30,3	38,2	38,9	41,9	43,8	45,1	46,3
De 5,01 a 10,00 SM	45,4	42,9	43,8	42,4	44,8	40,5	44,8	47,6	49,1	49,4
Mais de 10,00 SM	56,3	54,1	54,9	52,3	56,1	42,9	55,8	49,4	59,7	53,4
Ignorado	52,9	51,4	57,1	53,3	54,2	48,3	65,3	63,6	62,2	31,5
Total	44,5	45,0	48,3	44,6	43,4	42,3	47,4	48,2	50,2	49,2

Fonte: Raismiga/MTE.

\* Renda média em salário mínimo nominal obtida no momento da demissão do trabalhador.

segunda maior probabilidade de saída ocorreu entre os que ganhavam mais de dez salários mínimos (53%), com 10 pontos percentuais acima da probabilidade registrada para o mesmo grupo em Minas Gerais. Ressalta-se ainda o crescimento de 19% (o maior dentre todas as faixas de remuneração) daqueles com um a dois salários mínimos entre os anos de 1989 e 1998, com a terceira maior probabilidade de saída (51,5%). De um modo geral, a saída do formal foi mais intensa ao longo do tempo quanto menor a renda auferida pelo trabalhador no emprego anteriormente ocupado por ele, decrescendo apenas para aqueles com mais de dez salários mínimos.

A readmissão, por sua vez, teve distintos comportamentos por faixa de renda média conforme a sua ocorrência no primeiro ou no segundo ano posterior ao desligamento. Enquanto as maiores probabilidades de readmissão imediata ocorreram entre dois e cinco salários mínimos, seguidas

por cinco a dez salários mínimos (40% e 37%, respectivamente, em 1998), a readmissão no segundo ano após o desligamento não possui um padrão bem definido. Contudo, esses trabalhadores que retornaram no segundo ano registram maiores crescimentos nas probabilidades de readmissão nas mesmas faixas de renda (dois a cinco e cinco a dez salários mínimos), evidenciando maiores dificuldades de reingresso para esses indivíduos, que permanecem um ano fora do mercado de trabalho (tabela 9).

Na análise de perdas salariais, é nítida a probabilidade de retorno no segundo ano subsequente em faixas salariais inferiores às de origem. Na readmissão no ano imediatamente posterior ao desligamento, as maiores probabilidades se concentram na redução de cinco a dez para dois a cinco salários mínimos.

Em resumo, a saída do formal foi maior para aqueles nas faixas extremas de rendimento, mas em maior intensidade para os mais pobres. Aqueles com remuneração mediana (dois a cinco e cinco a dez salários mínimos) obtiveram maior chance de readmissão, porém com um grande aumento da probabilidade de retorno no segundo ano após o desligamento. Estas evidências indicam perda de qualidade do emprego para os trabalhadores do Rio de Janeiro, uma vez que podem estar ocorrendo perdas salariais.

### *2.2.2 O tempo de emprego*

Quanto ao tempo de emprego do trabalhador em Minas Gerais, as maiores probabilidades de saída ocorreram para aqueles com mais de dez anos de emprego no vínculo anterior ao desligamento. Além disso, as probabilidades de saída foram crescentes com o tempo de emprego superior a dois anos (tabela 10).

A readmissão, por sua vez, ocorre de modo mais intenso entre os trabalhadores com tempo de serviço inferior a três anos. O destaque na análise longitudinal é o elevado crescimento da readmissão no segundo ano subsequente dos trabalhadores com menos de um ano de serviço (82%). Isto reforça a hipótese de maior rotatividade entre esses trabalhadores.

No Estado do Rio de Janeiro, as maiores probabilidades de saída também ocorreram para os mais experientes (60% em 1998). Apesar da redução em quase 10% entre 1989 e 1998, não há uma tendência definida, tendo em vista a oscilação desta probabilidade no período. Todas as demais probabilidades de saída são crescentes com o tempo de emprego, destacando-se

**Tabela 10: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por tempo de emprego**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 11,9 meses	48,9	45,7	40,3	46,6	49,5	48,5	43,2	47,0	38,4	44,9
De 1,0 a 2,9 anos	45,4	48,6	41,4	46,6	51,2	50,8	47,8	48,8	47,7	49,3
De 3,0 a 9,9 anos	42,4	47,6	41,8	45,5	46,7	47,5	46,0	46,3	44,2	45,8
10 anos ou mais	25,7	28,7	28,3	28,9	21,3	28,4	23,1	27,3	23,5	25,2
Ignorado	40,8	42,9	35,6	45,8	45,2	71,8	67,8	42,2	45,3	43,9
Total	46,0	45,9	40,1	45,5	47,8	48,2	44,0	46,2	44,7	45,1
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 11,9 meses	8,1	10,5	15,0	15,7	14,3	11,9	14,4	13,0	14,8	14,7
De 1,0 a 2,9 anos	15,3	10,5	15,3	15,6	13,4	12,3	14,0	13,3	13,6	15,0
De 3,0 a 9,9 anos	16,1	9,8	13,3	12,8	11,0	10,4	12,4	10,9	11,4	13,1
10 anos ou mais	6,7	8,5	9,1	8,0	8,9	5,3	8,5	5,9	6,9	8,1
Ignorado	11,6	9,3	13,1	14,6	13,4	6,6	7,6	9,9	8,0	10,2
Total	11,0	10,2	14,5	14,7	13,2	11,4	13,7	12,4	12,7	14,2
<b>Fora do formal</b>										
Até 11,9 meses	43,0	43,8	44,7	37,8	36,3	39,6	42,4	39,9	46,8	40,4
De 1,0 a 2,9 anos	39,3	40,9	43,3	37,8	35,5	36,9	38,2	37,9	38,7	35,6
De 3,0 a 9,9 anos	41,5	42,6	45,0	41,7	42,4	42,1	41,6	42,8	44,4	41,1
10 anos ou mais	67,6	62,9	62,5	63,1	69,8	66,2	68,4	66,8	69,6	66,7
Ignorado	47,6	47,8	51,3	39,6	41,4	21,6	24,6	47,9	46,7	45,9
Total	43,0	43,8	45,4	39,8	39,0	40,4	42,4	41,4	42,7	40,8

Fonte: Raismiga/MTE.

os trabalhadores com menos de um ano de emprego, com aumento de 14,5% ao longo da década. Este fato pode estar relacionado com o aumento da rotatividade desses trabalhadores (tabela 11).

A probabilidade de readmissão no ano subsequente ao desligamento foi maior entre os trabalhadores com menos de um ano de emprego nos primeiros anos da série — até 1993. Ao final do período, a maior chance de retorno ocorreu na faixa de um a 2,9 anos de emprego, indicando uma maior valorização do quesito experiência pelo lado da demanda do mercado de trabalho. Em contrapartida, as maiores probabilidades de readmissão no segundo ano após o desligamento ocorrem sempre entre os trabalhadores com menos de três anos de emprego, sinalizando uma elevada flexibilidade alocativa desses trabalhadores, com alta rotatividade no mercado de trabalho. Um ponto positivo a ser evidenciado é a taxa de crescimento de 22% daqueles com três a 9,9 anos, que é a maior dentre todas as demais faixas de tempo de emprego.

**Tabela 11: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por tempo de emprego**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Até 11,9 meses	45,9	45,4	40,5	45,6	46,0	46,3	41,5	39,3	38,9	37,7
De 1,0 a 2,9 anos	45,3	47,1	40,2	42,5	44,5	47,4	44,0	42,2	40,1	39,6
De 3,0 a 9,9 anos	43,1	44,6	39,9	41,1	40,3	46,5	41,8	42,9	37,9	38,8
10 anos ou mais	27,1	27,8	24,0	24,7	20,7	35,3	23,2	29,6	22,9	33,7
Ignorado	40,5	43,7	36,7	41,8	42,5	72,8	44,8	45,7	42,8	37,4
Total	44,3	44,6	39,2	42,2	42,6	46,0	40,7	40,0	37,7	38,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Até 11,9 meses	11,8	10,9	13,0	13,5	15,0	12,8	12,6	12,9	12,7	13,9
De 1,0 a 2,9 anos	11,8	10,8	13,8	14,5	15,4	12,7	12,5	12,8	13,4	14,4
De 3,0 a 9,9 anos	9,6	9,7	11,1	12,3	11,9	10,5	11,6	10,6	11,4	11,8
10 anos ou mais	6,3	6,6	7,4	9,0	7,4	5,6	6,7	5,9	6,3	6,1
Ignorado	11,3	9,8	11,9	12,7	14,2	6,5	10,1	8,3	10,6	9,6
Total	11,3	10,4	12,5	13,2	13,9	11,7	11,9	11,6	12,1	12,9
<b>Fora do formal</b>										
Até 11,9 meses	42,3	43,7	46,4	40,9	39,0	41,0	45,9	47,8	48,4	48,4
De 1,0 a 2,9 anos	42,9	42,0	46,1	43,0	40,2	39,9	43,5	45,0	46,5	46,0
De 3,0 a 9,9 anos	47,3	45,7	49,0	46,6	47,8	43,0	46,7	46,5	50,8	49,5
10 anos ou mais	66,6	65,6	68,6	66,3	72,0	59,0	70,1	64,4	70,8	60,2
Ignorado	48,2	46,5	51,3	45,5	43,3	20,7	45,1	46,0	46,6	52,9
Total	44,5	45,0	48,3	44,6	43,4	42,3	47,4	48,2	50,2	49,2

Fonte: Raismiga/MTE.

### 2.3 O setor de destino

A readmissão dos trabalhadores por setor de destino pode ser observada pela tabela 12. No ano seguinte ao desligamento dos trabalhadores da indústria de transformação mineira, 52% foram readmitidos em 1998, taxa um pouco superior à média de 50,3% verificada nos dez anos analisados. Contudo, como apenas metade dos trabalhadores retornou às suas atividades no setor de origem no ano posterior ao desligamento, torna-se necessária uma avaliação da readmissão em outros setores e da readmissão em anos subsequentes.

A indústria de transformação aparece como a maior absorvedora dos desligados, como era de se esperar. Em linhas gerais, quando o trabalhador desligado da indústria mineira não foi readmitido no próprio setor de origem, ele migrou para o terciário. Os setores que mais absorveram a mão-de-obra proveniente da indústria de transformação mineira no ano após o desligamento foram os serviços e o comércio, seguidos da construção civil. No segundo ano subsequente ao desligamento, a mobilidade em direção a estes

três setores foi ainda maior, tendo em vista que a indústria de transformação apresentava uma menor probabilidade de readmissão. Como muitos trabalhadores do setor de serviços não possuem registro em carteira de trabalho, possivelmente estes resultados estão subestimados. É importante ressaltar ainda que, apesar da pequena representatividade no total de readmissões, os setores de agropecuária, extrativo vegetal, caça e pesca tiveram um considerável aumento das probabilidades de readmissão no primeiro e no segundo ano após o desligamento.

Outra importante característica é o maior número de trabalhadores que foram realocados um ano após o desligamento, que supera o dos trabalhadores que retornaram dois anos depois. Estes números revelam a maior dificuldade do trabalhador desligado de se reinserir no mercado de trabalho no mesmo setor de origem quanto maior for o tempo que ele fica fora de uma atividade no mercado formal, seja trabalhando na informalidade ou

**Tabela 12: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por setor de destino**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Extrativa mineral	0,8	0,9	0,6	0,6	0,9	0,8	0,6	0,6	0,5	0,5
Indústria de transformação	48,8	50,0	49,6	52,1	49,4	50,3	51,1	50,5	48,9	51,8
Serv. ind. utilidade pública	0,1	0,1	0,2	0,1	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3
Construção civil	9,1	8,3	9,0	7,3	10,1	8,9	8,9	9,4	9,4	7,9
Comércio	11,8	11,2	10,4	10,6	12,6	13,0	13,0	12,9	13,8	13,2
Serviços	18,9	18,2	18,0	15,8	15,7	18,0	18,9	18,2	19,4	19,1
Administração pública	2,3	2,4	2,6	2,5	2,1	2,2	1,8	2,1	2,0	1,5
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	1,8	1,5	2,1	2,8	7,0	5,5	5,1	5,8	5,7	5,7
Outros /ignorado	6,4	7,4	7,5	8,2	1,9	1,0	0,3	0,1	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Extrativa mineral	0,8	0,8	0,6	0,9	0,8	0,6	0,7	0,6	0,5	0,6
Indústria de transformação	39,2	36,4	44,7	42,6	39,9	42,2	43,2	38,2	42,7	41,6
Serv. ind. utilidade pública	0,1	0,2	0,2	0,3	0,4	0,3	0,4	0,5	0,4	0,2
Construção civil	9,2	10,5	8,1	11,5	10,1	10,9	10,4	11,3	9,1	9,3
Comércio	13,9	12,8	12,4	14,2	15,3	15,0	15,5	16,3	16,4	16,9
Serviços	22,3	22,5	18,0	18,4	21,0	22,2	21,2	23,0	22,2	23,6
Administração pública	3,1	3,9	3,4	2,6	2,9	2,4	3,3	2,9	2,2	1,9
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	2,2	2,7	2,7	7,3	8,3	6,0	5,2	7,2	6,5	5,8
Outros /ignorado	9,2	10,2	9,9	2,2	1,3	0,4	0,1	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Raismiga/MTE.

**Tabela 13: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por setor de destino**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Extrativa mineral	0,2	0,2	0,2	0,1	0,2	0,2	0,3	0,1	0,2	0,2
Indústria de transformação	48,9	49,1	44,5	48,7	44,0	48,9	44,0	45,2	42,8	46,6
Serv. ind. utilidade pública	0,3	0,5	0,4	0,2	0,5	0,5	0,6	0,5	0,9	0,4
Construção civil	5,8	6,0	9,5	6,6	6,5	6,0	7,9	7,2	8,1	6,0
Comércio	14,1	12,8	12,8	12,7	16,4	15,2	16,6	17,0	15,9	16,3
Serviços	22,7	22,6	22,4	21,2	22,2	24,7	27,8	27,6	28,6	28,5
Administração pública	1,6	2,0	1,5	1,3	2,2	1,4	1,6	1,4	1,2	1,0
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	0,8	0,5	0,5	0,5	4,6	1,7	0,9	0,9	2,3	1,1
Outros /ignorado	5,7	6,2	8,3	8,6	3,4	1,5	0,4	0,1	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Extrativa mineral	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3
Indústria de transformação	38,0	32,7	39,8	38,2	35,2	33,7	36,0	33,5	35,6	35,0
Serv. ind. utilidade pública	0,4	0,6	0,2	0,4	0,7	0,8	0,6	1,0	0,7	0,5
Construção civil	7,2	12,2	6,8	7,3	7,7	8,4	8,5	9,4	7,1	7,5
Comércio	15,2	14,5	16,0	18,5	18,2	19,7	19,7	19,1	20,2	19,1
Serviços	27,4	27,3	24,9	25,8	30,2	33,0	32,1	34,1	33,6	35,2
Administração pública	2,6	2,3	1,7	3,6	1,7	2,0	1,7	1,5	1,3	1,7
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	1,1	0,4	0,4	1,8	3,7	1,6	1,0	1,1	1,3	0,8
Outros /ignorado	7,7	9,8	9,9	4,1	2,3	0,5	0,2	0,1	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Raismiga/MTE.

mesmo desempregado. O maior crescimento das chances de readmissão, neste caso, passou a acontecer nas atividades de serviços, comércio e construção civil.

Como o capital humano desses trabalhadores depende em grande parte da manutenção das atividades desenvolvidas ao longo de sua carreira, há indícios de uma maior precarização do mercado de trabalho em Minas Gerais. A hipótese que surge, portanto, é de piora das condições de trabalho dos desligados da indústria de transformação mineira.

No Rio de Janeiro, menos da metade (46,5%) dos trabalhadores retornou de maneira imediata a um vínculo formal no mesmo setor de origem em 1998. Apesar de a indústria de transformação fluminense ser a maior absorvedora dos desligados, como era de se esperar, este percentual foi inferior aos 52% verificados em Minas Gerais para o mesmo ano. Os dois setores que mais absorvem trabalhadores fora do próprio setor de origem foram

os mesmos no Rio e em Minas: serviços e comércio, seguidos da construção civil. Apenas neste último setor os trabalhadores mineiros foram mais freqüentemente readmitidos em relação aos trabalhadores fluminenses. No segundo ano após o desligamento, a mobilidade em direção a estes três setores teve um comportamento semelhante ao de Minas, registrando maiores percentuais em relação à readmissão imediata.

#### **2.4 As causas do desligamento**

A maior probabilidade de saída do mercado formal de trabalho aconteceu nas situações de aposentadoria, com era de se esperar. Apesar da pequena representatividade desses trabalhadores no total de desligados (menos de 1%), é importante notar o grande crescimento das readmissões ocorridas logo após o desligamento durante a década de 1990, principalmente a partir de 1995, indicando uma considerável elevação do número de trabalhadores que continuam em atividade no mercado de trabalho mesmo tendo adquirido a aposentadoria por tempo de serviço. Uma possível explicação está relacionada ao cancelamento da Súmula 21 pela Resolução 30/1994, referente à Lei nº 6.204/75, que garantia ao empregado aposentado o direito ao cômputo do tempo anterior à aposentadoria, se permanecer a serviço da empresa ou a ela retornar. Provavelmente esses trabalhadores com mais idade buscavam não apenas manter uma ocupação profissional, mas principalmente ampliar a renda numa etapa da vida em que a despoupança é mais freqüente. Comparativamente ao Rio, Minas apresentou um maior crescimento da probabilidade de readmissão para este grupo de trabalhadores desligados da indústria de transformação (89,5% de crescimento para o Rio contra 178% para Minas, na readmissão imediata) (tabela 14).

As probabilidades de readmissão imediata no setor formal para as pessoas desligadas por motivo de transferência ou término de contrato foram as mais elevadas, conforme apresentado nas tabelas 14 e 15. Isso aconteceu de maneira mais intensa no Rio de Janeiro, cuja taxa de crescimento ao longo do período foi de 19,5%, contra uma taxa de apenas 3,6% para Minas Gerais. Como essas taxas passaram a ser negativas quando se considera a readmissão no segundo ano após o desligamento, esses resultados evidenciam a renovação dos contratos por parte das empresas e a obtenção de novos empregos pelos trabalhadores que possivelmente recusam as transferências solicitadas pelo empregador (tabela 15).

**Tabela 14: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação mineira por causa do desligamento**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	45,5	45,2	38,9	44,9	49,1	48,9	42,4	48,1	38,0	37,9
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	46,5	47,8	41,5	46,1	50,0	49,2	45,5	46,7	45,7	46,3
Término do contrato de trabalho	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	47,1	50,5	49,3	49,1
Transferências	89,5	96,5	85,2	91,0	80,6	91,8	89,6	95,6	90,5	92,7
Aposentadoria	13,2	8,5	10,2	12,7	10,2	11,3	18,8	35,5	36,7	36,7
Outras causas	45,7	48,6	45,9	49,4	39,1	49,9	40,6	28,1	39,2	26,0
Ignorado	0,0	3,5	8,7	0,0	1,7	31,3	21,1	17,9	15,3	10,0
Total	46,0	45,9	40,1	45,5	47,8	48,2	44,0	46,2	44,7	45,1
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	10,6	10,9	15,0	14,8	13,1	13,0	14,2	13,3	14,1	16,0
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	11,2	10,4	14,9	15,1	13,4	11,7	14,0	12,5	12,8	14,5
Término do contrato de trabalho	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	12,6	12,8	12,3	13,5
Transferências	10,5	3,5	14,8	9,0	19,4	2,2	9,6	3,4	8,0	6,6
Aposentadoria	0,0	1,9	2,8	3,4	3,4	3,5	4,7	2,4	2,0	1,7
Outras causas	10,4	9,9	11,7	10,9	11,9	0,3	11,8	7,8	5,9	11,7
Ignorado	0,0	1,2	1,7	0,4	0,3	6,4	6,2	4,4	3,9	3,5
Total	11,0	10,2	14,5	14,7	13,2	11,4	13,7	12,4	12,7	14,2
<b>Fora do formal</b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	44,0	43,7	46,4	40,8	39,4	38,5	44,0	39,5	46,9	46,0
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	42,3	43,5	45,0	39,5	37,9	40,1	42,1	41,7	42,6	40,7
Término do contrato de trabalho	0,0	1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	7,0	8,0	9,0
Transferências	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,1	0,9	1,0	1,5	0,7
Aposentadoria	86,8	89,6	87,1	83,9	86,4	85,2	76,5	62,1	61,3	61,6
Outras causas	43,9	41,5	42,4	39,7	49,0	49,7	47,5	64,1	54,9	62,3
Ignorado	92,1	95,3	89,6	99,6	98,0	62,2	72,7	77,7	80,9	86,4
Total	43,0	43,8	45,4	39,8	39,0	40,4	42,4	41,4	42,7	40,8

Fonte: Raismiga/MTE.

**Tabela 15: Probabilidade de readmissão dos trabalhadores da indústria de transformação fluminense por causa do desligamento**

	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
<b>Readmitidos em X<sub>1</sub></b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	10,6	9,8	10,6	12,0	14,4	12,4	10,5	9,5	9,2	10,2
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	11,7	10,7	11,8	13,3	14,3	12,5	11,5	11,1	10,9	11,8
Término do contrato de trabalho	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	44,3	39,8	46,3	40,7
Transferências	79,6	72,7	76,9	71,0	66,4	94,2	90,5	93,7	68,6	95,1
Aposentadoria	15,7	13,4	13,9	14,2	9,0	23,3	19,3	27,3	30,0	29,7
Outras causas	33,5	35,6	39,7	35,3	35,6	32,3	24,2	4,5	4,0	4,2
Ignorado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	43,6	44,9	35,7	0,3	35,7
Total	44,3	44,6	39,2	42,2	42,6	46,0	40,7	40,0	60,9	38,0
<b>Readmitidos em X<sub>2</sub></b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	44,7	45,1	44,7	44,0	42,8	43,8	44,8	45,3	45,4	44,9
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	44,2	44,6	44,1	43,3	42,9	43,7	44,3	44,5	44,5	44,1
Término do contrato de trabalho	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,8	13,4	11,6	13,1
Transferências	4,4	4,4	4,0	6,8	7,3	1,1	2,0	1,2	6,0	1,1
Aposentadoria	3,4	3,5	1,5	3,3	4,5	2,9	2,4	3,6	3,7	1,2
Outras causas	7,7	7,5	9,1	10,0	8,9	6,6	4,7	0,8	1,0	0,8
Ignorado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	12,7	11,1	0,1	12,9
Total	11,3	10,4	12,5	13,2	13,9	11,7	11,9	11,8	19,5	12,9
<b>Fora do formal</b>										
Demissão com justa causa por iniciativa do empregador	44,7	45,1	44,7	44,0	42,8	43,8	44,8	45,3	45,4	44,9
Demissão sem justa causa por iniciativa do empregador	44,2	44,6	44,1	43,3	42,9	43,7	44,3	44,5	44,5	44,1
Término do contrato de trabalho	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	43,9	46,9	42,1	46,2
Transferências	16,1	22,8	19,2	22,2	26,3	4,6	7,5	5,0	25,4	3,9
Aposentadoria	80,9	83,1	84,6	82,5	86,5	73,8	78,3	69,1	66,3	69,0
Outras causas	58,8	56,9	51,2	54,8	55,4	61,1	71,0	94,7	95,0	95,0
Ignorado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	42,4	53,3	99,7	51,3
Total	44,5	45,0	48,3	44,6	43,4	42,3	47,4	48,2	19,5	49,2

Fonte: Raismiga/MTE.

**Tabela 16: Perfil médio dos readmitidos**

	Rio de Janeiro	Minas Gerais
<b>Readmissão no ano seguinte à demissão</b>		
Faixa etária	18 a 39 anos	18 a 29 anos
Renda média	2 a 5 salários mínimos	3 a 5 salários mínimos
Tempo de emprego	menos de 3 anos	menos de 3 anos
Grau de instrução	superior	2º grau
Causa do desligamento	término de contrato ou transferência	término de contrato ou transferência
Setor de destino	indústria de transformação, comércio e serviços	indústria de transformação, comércio e serviços
<b>Readmissão no segundo ano seguinte à demissão</b>		
Faixa etária	menos de 17 anos	menos de 17 anos
Renda média	1 a 2 salários mínimos	1 a 2 salários mínimos
Tempo de emprego	menos de 3 anos	menos de 3 anos
Grau de instrução	8ª série completa ou incompleta	8ª série completa ou incompleta
Causa do desligamento	demitido com ou sem justa causa	demitido com ou sem justa causa
Setor de destino	indústria de transformação, comércio e serviços	indústria de transformação, comércio e serviços
<b>Saída do formal</b>		
Faixa etária	50 anos ou mais ou maiores de 17 anos	50 anos ou mais ou maiores de 17 anos
Renda média	mais de 10 salários mínimos	mais de 10 salários mínimos
Tempo de emprego	mais de 10 anos	mais de 10 anos
Grau de instrução	abaixo da 8ª série	abaixo da 4ª série
Causa do desligamento	com justa causa ou aposentadoria	sem justa causa ou aposentadoria

Fonte: Elaboração própria.

Dentre os demitidos, aqueles com justa causa apresentaram uma probabilidade de saída do mercado formal de trabalho superior àqueles sem justa causa em ambos os estados, como era de se esperar. Estes resultados sinalizam que as empresas de fato consideraram a causa do desligamento ao readmitir um ex-empregado do setor. Dentre os desligados por iniciativa própria, aqueles sem justa causa tinham uma maior probabilidade de não serem readmitidos que os desligados com justa causa — as exceções ocorrem em 1989, 1997 e 1998 no Rio de Janeiro e em 1993 em Minas. Se a iniciativa do trabalhador em deixar um emprego tem uma causa justificável, sua probabilidade de retorno é maior. Caso não haja uma causa justa, o trabalhador pode estar de fato disposto a permanecer mais tempo no desemprego em busca de um novo emprego, possivelmente graças a um elevado salário de reserva. Por outro lado, o crescimento das probabilidades de saída verificado para os trabalhadores com justa causa, independentemente de

serem demitidos ou desligados, indica que o atrito existente no *matching* entre empregado e empregador tem sido entendido como uma característica negativa e até mesmo impeditiva para o reingresso do trabalhador proveniente da indústria de transformação no mercado de trabalho formal, especialmente no Rio de Janeiro.

### 3. CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi analisar a mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria mineira e fluminense buscando identificar e caracterizar o processo de readmissão do trabalhador no mercado de trabalho formal entre os anos de 1989 e 1998. Os principais resultados obtidos indicam uma elevada probabilidade de saída de trabalhadores das atividades formais da indústria de transformação em ambos os estados analisados. Os dados para o Rio de Janeiro, contudo, evidenciam uma migração mais intensa dessa saída em relação a Minas Gerais. Em outras palavras, é mais provável para o trabalhador, uma vez desligado da indústria de transformação, retornar a uma atividade no mercado de trabalho formal em Minas Gerais comparativamente ao Rio de Janeiro. Entretanto, na evolução dessas readmissões ao longo dos anos, é importante ressaltar que a probabilidade de retorno varia conforme o tempo que o trabalhador leva para obter o novo emprego formal. A recontração que ocorre no ano seguinte ao desligamento decresce com o tempo em ambos os estados, mas com maior intensidade no Rio de Janeiro. A readmissão no segundo ano após o desligamento aumenta no decorrer do período também em ambos os estados, mas acontece de maneira mais intensa em Minas Gerais.

As transições ocorridas no mercado de trabalho são distintas nesses estados, porém com uma sinalização única: a deterioração das condições de trabalho para os indivíduos provenientes da indústria de transformação que buscam a readmissão. No Rio, quase a metade dos trabalhadores demitidos não retorna para uma atividade no setor formal no final da década de 1990. Em Minas, ocorre um aumento da probabilidade de reingresso no segundo ano após a demissão. Em ambos os casos, a mobilidade dos trabalhadores no que se refere à readmissão no setor formal não é bem-sucedida e apresenta uma heterogeneidade conforme a composição de determinados grupos.

O perfil médio do trabalhador que migra para fora do formal e do emprego por ele ocupado é semelhante nos dois estados analisados, como pode

ser observado na tabela 16. Em geral, o trabalhador que não é readmitido tem idade acima de 50 anos ou é jovem com menos de 17 anos, com remunerações médias extremas — muito elevadas (mais de dez salários mínimos) ou muito baixas (menos de um salário mínimo) — e mais de dez anos de emprego. As principais diferenças ocorrem na escolaridade e na causa do desligamento. Enquanto em Minas a saída do formal é mais provável entre trabalhadores com escolaridade superior ou até a 4ª série, no Rio de Janeiro esta probabilidade é maior para aqueles com grau de instrução inferior à 8ª série. Quanto à causa do desligamento, a probabilidade é maior para os que foram desligados sem justa causa ou se aposentaram em Minas Gerais, e para os que foram desligados com justa causa ou se aposentaram no Rio de Janeiro. Essa disparidade, contudo, é mais sutil, uma vez que os desligados sem justa causa também possuíam elevada probabilidade de readmissão (tabela 16).

Como a maior probabilidade de transição para fora do formal ocorre, após os aposentados, entre os desligados sem justa causa — em Minas — ou com justa causa — no Rio —, essa mobilidade não decorre somente de uma iniciativa dos empregadores. De fato, verifica-se uma alta probabilidade de saída do mercado formal entre aqueles trabalhadores com renda média acima de dez salários mínimos, evidenciando também o interesse do trabalhador em buscar novos empregos de melhor remuneração, com um elevado salário de reserva. Contudo, como a probabilidade de saída é alta para aqueles com elevada remuneração média e elevado tempo de emprego, pode-se concluir também que o lado da demanda está buscando reduções de custos por meio da diminuição do número de funcionários mais experientes que possuem elevadas remunerações. Tendo em vista que as demissões com justa causa também representam grande parcela de trabalhadores que migra para fora do formal em ambos os estados, o desligamento por iniciativa dos empregadores contribui de maneira direta para a não-readmissão. Além disso, diante da alta flexibilidade do mercado de trabalho brasileiro e da grande rotatividade dos trabalhadores, a elevada probabilidade de saída daqueles com renda inferior a um salário mínimo pode contribuir enormemente para o aumento da precariedade do emprego para este grupo, especialmente no Rio de Janeiro.

A probabilidade de readmissão dos trabalhadores no ano imediatamente posterior ao desligamento era maior que aquela ocorrida no segundo ano

após o desligamento. Porém, é importante salientar que, enquanto na primeira metade da década as chances foram maiores para pessoas com a 8ª série, na segunda metade da década as probabilidades passam a ser maiores para aqueles que estavam cursando ou haviam concluído o segundo grau. No Rio de Janeiro, a escolaridade era ainda mais exigida, com maiores chances para aqueles com nível superior. Esses trabalhadores são geralmente jovens e adultos de 18 a 29 anos em Minas Gerais, enquanto no Rio a faixa se amplia para 18 a 39 anos. Eram desligados, em ambos os estados, em razão do término do contrato ou de transferência, e retornaram para a própria indústria de transformação ou migraram para atividades no comércio, seguido dos serviços, com menos de três anos de serviço no vínculo e renda média na faixa de dois a cinco salários mínimos.

Se a readmissão ocorreu no segundo ano após o desligamento, destacaram-se os jovens com menos de 17 anos, com a 8ª série concluída ou ainda em andamento, remuneração média de um a dois salários mínimos e pouco tempo de emprego (menos de três anos), em atividades na própria indústria de transformação, seguida do setor de serviços e do comércio, demitidos com ou sem justa causa.

Esses resultados permitem duas conclusões centrais. Primeiro, a qualidade do trabalhador readmitido, originário da indústria de transformação na década de 1990, é baixa, tendo em vista a grande saída de trabalhadores com nível superior do mercado de trabalho formal e a elevada probabilidade de saída dos mais velhos e experientes. Contudo, há algumas evidências de melhora ao longo do tempo, tendo em vista que os trabalhadores mais propensos à readmissão ampliam o grau de escolaridade da 8ª série para o segundo grau. No Rio, a escolaridade chega até o nível superior.

A segunda conclusão refere-se à qualidade do emprego ocupado pelo trabalhador. Na readmissão imediata, verificam-se maiores probabilidades para aqueles que ganham entre dois e cinco salários mínimos, seguidos daqueles na faixa de remuneração imediatamente superior (cinco a dez salários mínimos). As probabilidades mudam quando se considera a readmissão no segundo ano após o desligamento. A maioria dos readmitidos, no caso de Minas Gerais, recebia menos de um salário mínimo, seguidos daqueles na faixa imediatamente superior (um a dois salários mínimos). Portanto, no aspecto referente ao salário, a qualidade do emprego está se deteriorando, uma vez que o novo salário recebido pelo trabalhador mineiro

readmitido se reduz. No tempo de serviço, constata-se um aumento das probabilidades de readmissão para aqueles que possuem menos de três anos de emprego, evidenciando claramente uma perda de qualidade do emprego em ambos os estados. Apesar da maioria das readmissões ocorrer no mesmo setor de origem, quase metade dos trabalhadores migra para atividades em outros setores — especialmente o comércio e os serviços — no segundo ano após o desligamento. Estes resultados podem ser ainda mais acentuados quando se considera o fato de que grande parte dos trabalhadores do setor de serviços não possui registro em carteira de trabalho. Como os trabalhadores que permanecem mais tempo fora do formal têm maiores dificuldades em prosseguir em sua carreira profissional, caso estes mudem de profissão, por causa da mudança de setor de atividade, podem estar arcando com sérios problemas relativos à degradação da qualidade do novo emprego.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARUSO, L. A. (1996) *Trajetórias profissionais, empregabilidade e reconversão profissional*. Rio de Janeiro, Senai/DN/CIET, jul., 19 p.
- FEIJÓ, C. A., CARVALHO, P. G. M. (2000) *Produtividade e emprego: uma inversão na década de 90*. São Paulo: Gazeta Mercantil, 5 de jul.
- FREGUGLIA, R. S., TELES, J. L., RODRIGUES, B. D. (2002) “A mobilidade no mercado de trabalho brasileiro: uma visão qualitativa”. In: Seminário de Economia Mineira, 10 – Diamantina. *Anais...* Diamantina: Cedeplar/UFMG.
- FREGUGLIA, R. S. (2002) “Readmissão e qualidade do emprego nas trajetórias profissionais dos trabalhadores da indústria naval do Rio de Janeiro”. *Revista da ABET*. Rio de Janeiro, jul.
- (2001) “A readmissão dos trabalhadores desligados da indústria naval fluminense”. *Revista Desafio*. Campo Grande.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO (1996) *Manual de orientação da Rais – Ano base 1996*. Brasília: Secretaria de Políticas de Emprego e Salário.
- (vários anos) *Relatório anual de informações sociais*. Brasília: Secretaria de Políticas de Emprego e Salário.
- (vários anos) *Relatório anual de informações sociais – migração de trabalhadores*. Brasília: Secretaria de Políticas de Emprego e Salário.
- PERO, V. (1996) *A formação profissional diante das mudanças no mercado de trabalho no início dos anos 90*. Rio de Janeiro: Senai-DN/CIET, jan.
- (1997) *Mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria*. Rio de Janeiro: Ipea (Série Seminários), nov.
- (1995) *Terciarização e qualidade no emprego no início dos anos 90*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ.
- RIBEIRO, E. P. (2002) *Rotatividade de trabalhadores e criação e destruição de postos de trabalho: aspectos conceituais*. Texto para discussão n. 820. Rio de Janeiro: Ipea.